

A lealdade para com os desconhecidos

Artigo de Daniel Bensaïd.

O dissidente polaco Karol Modzelewski, a quem perguntaram a razão de ser do seu compromisso obstinado, respondeu simplesmente: «Por lealdade para com os desconhecidos». Tal como a mobilização pelas grandes ideias, o compromisso é uma questão de lealdade, dessas fidelidades moleculares, desses ínfimos laços de memória e ação.

A 11 de julho último [1977], Roberto MacLean foi assassinado às 19 horas na soleira da porta da sua casa, em Baranquilla, por dois sicários paramilitares. A informação não merece uma linha nos jornais. Tudo normal. Baranquilla é na Colômbia, na costa atlântica. Neste país, os assassinatos políticos são às centenas por ano, às vezes milhares.

Sem assunto? Não. O mais vivo dos assuntos.

Em primeiro lugar, porque tenho vontade de saudar Roberto MacLean, com quem partilhei abrigo e teto no México. Animava o movimento cívico de Baranquilla. Era negro e revolucionário. Possuía esta dupla pertença que para ele era uma só. Tinha 39 anos. Era militante desde os 14 anos. Há uma dúzia de anos que vivia a cada dia a crónica da sua morte anunciada. MacLean era o retrato personificado desses desconhecidos aos quais nos liga uma dívida insanável.

Diz-se “comprometer-se”

A forma reflexiva evoca a decisão maduramente tomada de um sujeito soberano. Sob uma modéstia aparente, tem algo de orgulhoso, como se quem se declarasse comprometido honrasse a sua causa. Como se condescendesse doar-se a si próprio.

Por vezes reencontramos antigos combatentes, reciclados pela razão de Estado ou recurvados sobre o seu nicho ecológico privativo, que, com uma ponta de

compaixão, se espantam: “Então, ainda és um militante? Que pena que não tenhas feito isto ou aquilo...”

Sem qualquer gosto ou disposição para o jogo das carreiras e das aparências, pela ação política como uma ascese ou um pesado sacrifício, antes pelo contrário, foi enquanto militante que vivi experiências intensas, conheci desconhecidos indispensáveis - precisamente, centenas como MacLean -, provei alegrias raras, tive conflitos amigáveis ou conjunturais necessários ao rejuvenescimento do coração e do espírito.

Também se diz “um intelectual comprometido”

Na medida em que se trabalha com as ideias e as palavras, pode admitir-se “intelectual”, ainda que Gramsci faça notar que, se na divisão do trabalho se pode admitir a existência de uma categoria social definida como intelectual, pelo contrário, o não-intelectual não existe.

A ordem das palavras perturba-me: em primeiro, intelectual; o comprometimento parece advir daí. Como se a ação fosse a razão aplicada [a aplicação da razão]. Sempre esse primado cultural do conceito, que deixa pouco espaço às revoltas e às emoções, ao modo como se toma partido numa disputa e, portanto, se entra na luta.

Comprometido intelectual talvez fosse mais conveniente. Para traduzir a inquietude permanente das razões e a lógica íntima das paixões.

Comprometido intelectual?

Então, porque não dizer simplesmente militante.

Nestes tempos de individualismo sem individualidade, a palavra tem uma má conotação. Soa um pouco a - dir-se-á - caserna e a soldado raso. E o comprometimento? “Comprometam-se...” Na legião, na polícia, nas ordens?

Militância tem, pelo menos, a vantagem de indicar o sentido do coletivo. A militância não é um prazer solitário, mas um ato partilhado. Um pequeno passo na via do «comunismo de pensamento» (e ação) que Dionys Mascolo procurava com tenacidade.

Porque a militância é, no fim de contas, a própria ética da política, um

«pensamento de atos», o teste prático das ideias de uma obrigação (contrário de uma imposição instituída) que fixamos em relação aos outros. «Toda a atividade política é moral, implica-se no universo de valores morais e, conseqüentemente, acarreta um juízo moral», escrevia também Mascolo (e, tratando-se de comprometimento, como não pensar nele, como não voltar a lê-lo, no dia seguinte à sua morte?).

A militância implica preferencialmente uma forma organizada que comporta uma memória e põe as ideias em comum. Mas não necessariamente. De uma forma mais geral, poder-se-ia dizer que, com ou sem pertença, a atitude militante opõe-se à do eterno simpatizante, do *compagnon de route*, que preserva a sua autonomia e se reserva o recurso - tão necessário - de jogar com ambas as mãos em dois tabuleiros.

Mascolo consagrou mais de uma página ao «sombrio caso do simpatizante» - o tipo que ontem tinha sido o «estalinista do exterior» -, tão enformado de preconceitos, tão imbuído da sua liberdade e, no entanto, tantas vezes tão servil. Este [o simpatizante] constitui um dos «piores subprodutos do estalinismo» e desempenhou o seu papel com a mais «culpada das inocências».

Durante um certo tempo, Sartre foi também um *compagnon de route* (do estalinismo e, depois, do maoísmo). Aragon, por sua vez, foi um membro e, eventualmente, um poeta do partido. No entanto, sendo um deles membro e o outro não, ambos nunca deixaram de ser, em certa medida, simpatizantes. Como dizia (outra vez) Mascolo, ao passar de uma atitude de anticomunista por princípio a uma atitude de simpatizante acomodado nas posições estalinistas e maoístas, Sartre não deixou de reincidir no erro: «Em ambos os casos, confundiu radicalmente o projeto revolucionário com o estalinismo». Quanto a Aragon, o seu zelo em caucionar todas as derivas burocráticas, sem nunca fugir ao complexo de “intelectual trãnsfuga de classe” fez dele um simpatizante a partir do interior [do partido].

A militância compromete um sentido de responsabilidade para com os desconhecidos, sem eclipses nem intermitências.

E aqui voltamos. Não ao comprometimento *tout court*. Sim ao comprometimento revolucionário. Ou ao comprometimento comunista, uma vez que, no fundo e apesar de todas as infâmias cometidas em seu nome, é ainda a palavra justa, a

mais precisa, a mais fiel em termos de conteúdo para designar o desafio de uma época.

No fundo, é precisamente disto que se trata. Não se trata de um casamento com uma determinada causa ou um determinado partido, mas de viver um relacionamento com o mundo sem reconciliação possível. O comprometimento não é, por isso mesmo, uma alvorada soalheira após uma noite de tempestade que nos desponta na cabeça. Tornamo-nos revolucionários através da lógica do coração e da razão.

A dedução é simples. O mundo tal como está não é aceitável. Portanto, temos de tentar mudá-lo, sem qualquer garantia de o conseguirmos.

Escusado será dizer [é uma evidência]. Antes mesmo de “nos comprometermos”, já “somos arrastados” - como diria o outro. E neste “arrastão” há coisas que pesam. Para mim, foi a memória de um avô materno, descendente de um *communard* proscrito que viveu na passagem de La Main d’Or. Conservava na sua sala de jantar um retrato de Jean-Marie Clément e, todos os anos, no aniversário da semana sangrenta, mandava os comensais levantarem-se e entoava *Le Temps des Cerises*. Foram também, ao balcão de pequenos cafés familiares dos subúrbios de Toulouse, os relatos dos antigos combatentes em Espanha e dos resistentes da MOI, o fantasma decapitado de Marcel Langer. A estrela amarela precavidamente guardada na gaveta e silenciosamente colocada em cima do balcão ao menor assomo racista ou antisemita. E a persiana de ferro baixada pela minha avó, no dia em Julian Grimau foi executado.

Os nossos começos são sempre recomeços

Revolucionários por revolta lógica? Existem apenas três maneiras de recusar a premissa: por má-fé, por resignação ou por cinismo. A má-fé soprará que o mundo tal como está, está bem e que, sobretudo, não é preciso mudar nada. A retórica da resignação dirá que o mundo, claro está, é confrangedor, mas que nada podemos mudar, uma vez que a desigualdade é natural e o mercado é eterno. O refinamento cínico admitirá que seria, sem dúvida, necessário mudar este mundo miserável, mas acrescentará que a humanidade não merece tal esforço.

Se a eternidade não existe, a não ser como forma religiosa de Inferno, e se a espécie humana é tanto um devir quanto uma herança, torna-se necessário, pelo

contrário, apostar nesta «parte não fatal do devir que “implora para nascer” e que está já inscrita ou “desejada” nessa faculdade geral de superação que se diversifica no sonho, na imaginação, no desejo - cada um deles visando, à sua maneira, transcender os seus limites» (sempre Mascolo).

Portanto, um comprometimento na forma de aposta lógica no incerto. Trabalhado pela dúvida. Durante o mesmo tempo do que o tempo em que o necessário e o possível não se juntem, ainda que nos esforcemos em vão para que tal aconteça.

Uma aposta vulgar, recomeçada a cada dia. É o que fazem, com toda a simplicidade, milhares de militantes sindicalistas, ativistas, políticos por todo o mundo. Milhares de MacLeans. Por lealdade para com eles, quando estamos comprometidos, é por muito tempo. Deixamos de ter o direito de atirar a toalha ao chão, de nos rendermos à mínima lassidão, ao mínimo acidente de percurso, à mínima - ou mesmo à pior - decepção.

Este comprometimento militante (passe o pleonasma) advém da «parcela irreduzível» que invoca Mascolo. E uma vez que é aqui, precisamente nesta revista e nestas colunas, o lugar para o saudar e lhe dizer adeus (em memória também daquelas noites de sonho partilhadas há trinta anos), talvez uma das melhores formas seja fazer eco das suas próprias palavras, tão dolorosa e lealmente atuais: «Nós estamos efetivamente limitados, neste momento, a desenvolver uma constatação de derrota e, no mesmo movimento, a aprofundar uma recusa que nem quanto à sua origem apresente razões: é mesmo assim. É a seguir, se possível, que virão as propostas positivas. Não é necessário, apesar da obrigação maligna, sermos capazes de dizer o que queremos para sabermos o que jamais não quereremos a qualquer preço. Isto é simples. Tão simples que é possível, pela primeira vez e desde há tanto tempo, sentirmo-nos tranquilos nesta situação. Aqui não corremos os riscos de errar, que nos contiveram por tanto tempo» (“La part irréductible”, 2 de outubro de 1958; retomado em *À la recherche d'un communisme de pensée*, Paris, Fourbis, 1993).